

QUANDO DIZER “NÃO”

Márcia Vitória
Da equipe do **Correio**

Quando saem do berço e começam a explorar o mundo ao redor, a palavra que os bebês mais escutam é “não”: “Não pode pegar o cinzeiro de cristal da mamãe”; “Andar descalço nem pensar”; “Não vale colocar o brinquedinho na boca”; “Descer escada sozinho também não. É perigoso!” Seja para vetar situações de perigo, delimitar as experiências dos pequenos ou para evitar estragos, o “não” é o termo que as crianças assimilam primeiro durante as fases iniciais de desenvolvimento. Por isso deve ser usado com prudência, bom senso e coerência pelos pais.

“O ‘não’ é fundamental, estruturador. Ele estabelece limite para a criança. A ausência dele na educação é extremamente prejudicial”, acredita a psicóloga Sandra Baccara, especialista em terapia infantil.

Apesar de benéfico e necessário, os pais devem estar atentos. Da mesma forma que o excesso de liberdade pode trazer consequências desastrosas no futuro, a criança totalmente cercada encontra dificuldades para enfrentar a vida na fase adulta.

Mas fica sempre a dúvida: como e quando dizer não? Os psicólogos concordam que ele deve ser dito se alguma coisa ou situação representa perigo para a criança; mas não há regra fixa. Em outros casos é preciso que o filho entenda o motivo pelo qual não pode viver aquela experiência.

“Se a mãe diz para não colocar a mão porque vai machucar ela está mostrando o resultado do ato. Isso faz crescer na criança a importante noção de consequência. A mãe que não deixa brincar no chão porque o bebê vai sujar é diferente. Ela está limitando a experiência e pode inclusive prejudicar o desenvolvimento psicomotor”,

esclarece Sandra Baccara.

Com uma realidade atraente e muitas novidades disponíveis para serem descobertas nos primeiros anos de vida, é natural que a criança queira experimentar tudo. E faz isso usando os cinco sentidos. Ele sente necessidade de tocar, sentir o gosto das coisas pode ser uma aventura deliciosa, o odor que desprende de cada parte da casa desperta interesse.

Mas as crianças não sabem que o mundo oferece riscos. É tarefa dos pais dizer até onde podem ir. Nesse processo, a coerência é fundamental. Se não pode colocar a mão na tomada, não pode mesmo.

BIRRA

O problema é que nem sempre a mãe consegue manter a “ordem” por muito tempo. A funcionária pública Hilda Vale, 33 anos, moradora do Cruzeiro, trabalha o dia todo e tem três filhos: Mariana, de 4 anos, Gustavo, de 2 anos e nove meses, e Karina, de 10 meses. A mais velha é compreensiva e obedece quando a mãe diz “Não pode!”. Já Gustavo, faz birra. E, às vezes, sai ganhando. Alérgico, não deve comer nada que seja preparado com leite ou derivados. Mas o “não” materno, que proíbe alguns alimentos em determinadas ocasiões, transforma-se em “sim” de vez em quando. “Faço o possível para ser coerente. Mas muitas vezes fecho os olhos. Quando ele vê coleguinhas na escola, comendo algum biscoito doce e pede um, acabo liberando”, reconhece.

A falta de coerência pode confundir a criança. Eles podem pensar: “Por que a hora que a mamãe está feliz posso fazer o que quero e a hora em que está triste não posso?”. “Como a criança testa os pais o tempo todo, vai colocar à prova a coerência da mãe. Quando faz isso, a criança está aprendendo limites, regras sociais”, alerta Sandra Baccara.

Kléber Lima



Arthur e Douglas obedecem a mãe, mas ficam irritados quando recebem uma resposta negativa da mãe

Paulo Otávio Gomes, 11 meses, mexe em tudo. Se vê a porta aberta, não pensa duas vezes: sai depressa. Adora abrir a torneira do filtro e costuma fazer bagunça. O filho da empregada doméstica Francisca Gomes de Freitas, 34 anos, do Cruzeiro, dá trabalho à mãe. “Tenho que falar com ele o tempo todo. As vezes, ele obedece; outras, é difícil. Ele está sempre me testando. Parece que quer saber o que vai acontecer, se desobedecer”, conta.

Essa forma de testar os pais é comum em crianças e até os adolescentes costumam usá-la, como observa Perpétua da Guia Ribas, orientadora educacional do Centro de Ensino Viver, na Asa Norte. A mãe de um dos alunos do colégio disse para o filho que, se ficasse de recuperação, seria castigado. Não poderia viajar para Disneylândia. O menino ficou de recuperação e, mesmo assim, viajou porque a passagem havia sido comprada com antecedência.

“O ‘não’ tem sido banalizado. Muitos deixam de ser cumpridos. Isso causa perda de limite e referencial para qualquer um”, diz Perpétua.

Outra criança, aluna de escola pública onde Perpétua Ribas também trabalha, estava furando alguns objetos. A professora disse para a menina não fazer isso novamente. Se fizesse, queimaria a mão. A menina repetiu o ato e a tia não pôde cumprir o prometido.

“Sempre que usar o ‘não’, a

NA MEDIDA

O excesso ou ausência de “não” podem causar:

- Insegurança
- Medo
- Distúrbio do sono
- Dificuldades nas relações sociais e afetivas
- Inibição
- Falta de iniciativa
- Repressão dos desejos
- Irritação

mãe ou o pai devem explicar o motivo, mesmo que a criança seja pequena. Se virem que a negativa não tem sentido, devem voltar atrás, reconhecer que erraram e explicar isso aos filhos”, aconselha a psicóloga infantil Kívia Fernandes.

RESISTENTES

Mãe de Heitor, 16 anos, Douglas, dez, e Arthur, dois, a costureira Lucy Agostinho Roque, 39 anos, considera-se uma mãe chata, muito preocupada. A moradora de Taguatinga nunca deixava o filho mais velho dormir na casa de amigos durante a infância. Até hoje não gosta que nenhum dos filhos fique na rua. Apesar de educar os três com os mesmos métodos, Lucy reconhece que cada um reage de forma diferente à determinação da mãe. “O mais velho até hoje é o que menos dá trabalho. O Douglas é terrível. Conversa muito na sala de aula e adora ficar na rua. Quando falo ‘não’ ele faz bico, mas acaba obedecendo. Não tenho maiores dificuldades porque sempre explico tudo para eles”, diz Lucy.

Nem todos os adultos têm a firmeza de Lucy Agostinho. Muitos encontram dificuldade em deixar a criança experimentar o mundo e cercam os filhos de negativas. Proíbem quase tudo. “A criança que escuta não o tempo todo fica impossibilitada de crescer e desenvolver relação proveniente da experiência. Fica tolhida”, acrescenta a psicóloga infantil Ângela Nogueira.

SERVIÇO

ÂNGELA NOGUEIRA
Psicóloga infantil; Fone: 244-5309

KÍVIA FERNANDES
Psicóloga infantil do Centro de Estudo, Pesquisa e Atendimento Psicológico (Cepapsi); Fones: 327-3199 e 328-7422

SANDRA BACCARA
Psicóloga infantil do (Cepapsi); Fones: 327-3199 e 328-7422